

“REPÚBLICA” DE PLATÃO SEGUNDO WERNER JAEGER – TEORIA DE ESTADO OU ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO

Vicente Fideles de Ávila

1 – INTRODUÇÃO

República de Platão, teoria de Estado ou tratado de Educação na interpretação de Werner Jaeger¹, constituiu a hipótese que orientou a leitura e a coleta de subsídios para o presente trabalho.

Já na introdução à *República I*, JAEGER, apoiando-se em Rousseau, dá a entender que analisará a obra principal de Platão, a *República*, enfocando-a sob o prisma da *paideia* (educação)²: “(Jéan Jacques Rousseau) *soubera aproximar-se bem mais do Estado platônico, ao declarar que a república não era uma teoria de Estado, como pensavam aqueles que só pregavam os livros pelos títulos, mas sim, o mais famoso estudo jamais escrito sobre a educação*”³.

Pensou-se, de imediato, que Jaeger desenvolveria toda a sua linha de interpretação da *República* montando uma estrutura lógica e metodológica de raciocínio com vistas à confirmação formal da

¹ JAEGER, W. *Paideia* - a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. 5. ed. São Paulo : Herder.

² Embora esse prisma seja o da própria obra do autor já intitulada *Paideia*.

³ JAEGER, W. *Op. cit.*, p. 703.

assertiva, acima (1º parágrafo) que, até poderia ser entendida como hipótese angular de sua análise sobre a obra.

Com o decorrer da análise, porém, observou-se que, embora a perspectiva educacional estivesse sempre presente às análises, Jaeger não traçou nenhum plano estrutural lógico para a defesa dessa hipótese. Tem-se a impressão de que dois fatores contribuíram para que não acontecesse esse plano lógico, metodologicamente falando.

O primeiro é o da própria espontaneidade e naturalidade com que se desenvolvem os *diálogos*. Platão se descaracteriza como sábio e assume a personalidade ou pelo menos a linha do seu mestre e educador Sócrates. O que lhe preocupa são os pontos-chaves relacionados ao conteúdo de sua doutrina, sobretudo a relação inversamente proporcional *justiça/injustiça*, na ótica da finalidade e formação do homem como ser que se constrói em sociedade. Cada *diálogo* segue o seu curso numa perspectiva educacional ou seja, de acordo com a programação ou elevação do nível de inteligência e amadurecimento do interlocutor, em atitude de aprendizagem ativa, sempre representado por um jovem ávido de saber profundo. Aliás, a lógica filosófica, propriamente dita, veio a surgir não com Platão mas com seu mais notável discípulo, Aristóteles. Platão ainda estava embebido da *maiêutica* do seu admirado mestre, Sócrates. Talvez nem seja muito apropriado afirmar que Platão tenha escrito algum *tratado*, na acepção atual do termo, sobre um tema em particular. A interpretação mais correta poderia ser a de que se pode organizar alguma espécie de tratado, da educação por exemplo, a partir de seus *diálogos*, tal a riqueza que os mesmos encerram, sobretudo porque todos eles, de uma ou de outra maneira, versam sobre o tema mais geral e mais profundo a que a humanidade já teve acesso, o da especulação sobre o homem face ao absoluto. Isso não quer dizer que os *diálogos* não contenham nenhuma lógica. Quer dizer apenas que a lógica que encerram é mais do tipo *maiêutico-socrática* que da lógica formal, instituída por Aristóteles e desenvolvida com tal vigor, de racionalização, pelos sábios das ciências atuais, a ponto de cada ciência já poder contar com sua versão de metodologia científica própria.

O segundo fator que explica a ausência de rigor metodológico na interpretação de Jaeger sobre a *República* platônica, face à possível hipótese de que essa obra seja mais de um *tratado de educação* do que de uma *teoria de Estado*, reside, ao que parece, no grande conhecimento que esse autor demonstra sobre a história e a cultura da Grécia Antiga. Tem-se a impressão de que a aplicação de qualquer esquema metodológico rígido lhe tiraria o sabor da naturalidade, constante de toda a análise, de situar sempre o texto no contexto, ou seja, de estabelecer as relações lingüísticas, históricas e culturais necessárias ou oportunas à compreensão da essência doutrinária desse inquestionavelmente enorme pensador que foi Platão.

Dessa feita, ao contrário de se presenciar uma *defesa de tese* com base na hipótese de que a *República constituiu o mais famoso estudo sobre educação*, assiste-se a uma presença permanente do conteúdo dessa hipótese perpassando (sem maiores preocupações com algum esquema metodologicamente rígido) toda a análise, serenamente interpretativa, dessa obra toda ela sem esquemas formais.

2 – REFERÊNCIAS DOUTRINÁRIAS SOBRE A *REPÚBLICA PLATÔNICA* SEGUNDO WERNER JAEGER

Pleonasmo e presunção seria pretender reanalisar essa obra de Platão a partir das análises já tão bem elaboradas por Jaeger. Além do mais, o que se pretende com o trabalho é a compreensão, se não de todo o conteúdo, pelo menos de alguns aspectos ou referências desse conteúdo doutrinário, através da análise jaegeriana.

Para isso, teve-se que adotar uma metodologia, embora simples, que consistiu em:

– ler e destacar os pontos referenciais mais importantes em toda a análise; e

– ordenar e transcrever os textos que definem, descrevem ou elucidam o significado desses pontos.

Viu-se, então, que o *Estado* proposto por Platão:

- é *ideal*;
- não se organiza a partir de uma teoria constitucional;
- adota a *justiça* como fundamento; e
- se constrói pela *educação (Paideia)*.

Ordenando os textos destacados da análise de Werner Jaeger, com relação a cada um desses aspectos do *Estado* platônico, tem-se:

2.1 – COM RELAÇÃO AO *ESTADO IDEAL*

a) O *Estado* constitui um espaço para o *filósofo*: “*O Estado ideal é apenas o espaço adequado que ele (filósofo) necessita para a edificação da sua forma. Esta caracterização do punho do próprio filósofo coincide com os resultados da nossa análise*” (JAEGER, p. 782).

b) O objetivo do *filósofo* que se cultiva nesse *Estado* é o *Bem Supremo*: “*Na República, a idéia do Bem é a norma absoluta que serve de base à noção da filosofia como suprema ‘arte da medida’, a qual aparece logo desde muito cedo no pensamento platônico e nele se mantém até o final*” (Idem, p. 820).

A missão desse *Estado* é *educativa*:

“*Com a imagem da educação do filósofo, chamado a realizar como governante o estado ideal e a atuar dentro dele como supremo educador, parece cumprir a verdadeira missão do*

Estado platônico em relação à paideia: transformar o Estado em uma instituição educativa encaminhada para o desenvolvimento da personalidade humana como o mais alto valor individual e social” (Idem, p. 866);

“A República platônica é, antes de mais nada, uma obra de formação humana” (Idem, p. 782);

d) Existe uma espécie de paralelismo entre o *Estado* platônico e a *teocracia sacerdotal*: *“O Estado platônico representa na Grécia um digníssimo ideal paralelo à teocracia sacerdotal do Oriente: a audaciosa imagem dum reinado dos filósofos, baseado na capacidade do espírito investigador do homem para conseguir conhecer o bem divino”* (Idem, p. 836).

2.2 – COM RELAÇÃO À ORGANIZAÇÃO DO ESTADO PLATÔNICO

a) Fundamenta-se na *teoria do homem*: *“A teoria platônica das formas do Estado não é primordialmente uma teoria constitucional; tal como a sua teoria do Estado perfeito é sobretudo uma teoria do homem”* (Idem, p. 869).

b) O *Estado* à imagem da *alma*:

“A alma é formada pelas mesmas partes que o Estado: à sabedoria dos ‘governantes’ corresponde na alma a razão; à valentia dos ‘guardiães’, o espírito animoso; e ao domínio de si próprio, a virtude mais característica da terceira classe, consagra ao lucro e ao prazer, a parte instintiva da alma, quando submetida à consciência superior da razão” (Idem, p. 757).

c) Sua *organização* começa a partir dos *guardiães*:

“Deparando com o princípio democrático do serviço militar obrigatório para todos os cidadãos, tal como vigorava nos Estados Gregos, e conseqüente com a sua tese de que cada um deve exercer apenas o seu próprio ofício, Platão preconiza a existência dum estatuto de guerreiros profissionais, os ‘guardiães’” (Idem, p. 713);

d) Seus *fundamentos* se assentam no *Estado-Cidade*:

“Não é o tamanho, nem a extensão e nem a complexidade que caracterizam o Estado ideal, mas sua firmeza e coesão, numa pequena extensão, formarão ‘uma unidade mais perfeita que qualquer outro Estado de superfície maior ou de maior densidade populacional’” (Idem, p. 771-772).

O *Estado* platônico não coincide com:

– *oligarquia* que: *“é, por assim dizer, uma aristocracia baseada na crença materialista de que é a riqueza que constitui a essência da distinção”* (Idem, p. 880);

– *democracia* que: *“surge aos olhos de Platão como um Estado em que pululam os homens de todas as espécies. Como um ‘armazém’ de todos os tipos de constituições, onde cada qual toma o que está mais de acordo com os seus gostos particulares”* (Idem, p. 888);

– *tiranía* pois: *“A injustiça é o princípio em que a tirania se baseia”* (p. 892).

2.3 – COM RELAÇÃO À JUSTIÇA NESSE ESTADO IDEAL

a) Definição de *Justiça*: *“Justiça (areté) consiste na perfeição do conjunto e de cada uma das partes da obra realizada por cada ser”* (p. 712);

b) *Justiça* na concepção do *Estado Ideal*: “*Consiste na perfeição com que cada classe dentro do Estado abraça a sua virtude específica e cumpre a missão especial que lhe cabe*” (p. 756);

c) *Justiça*, virtude por antonomásia: “... *é, no dizer do antigo poeta, a que resumia todas as outras*” (p. 705);

d) *Justiça e educação*:

“*A análise da justiça não passa de pano de fundo para a exposição positiva do sistema platônico da educação, isto por que a justiça era tomada como expressão da vontade do partido mais forte em cada momento e de ter oposto ao direito positivo a verdadeira essência do justo*” (Idem, p. 707);

e) *Justiça e massa*:

“*Proclama abertamente perante os seus juizes que ninguém pode durante muito tempo fazer frente à multidão com êxito, se pretender opor-se sem reбуço às suas injustiças. Quem realmente quiser lutar em prol da justiça é na vida privada que tem de o fazer e não como político*” (Idem, p. 800).

2.4 – QUANTO À EDUCAÇÃO NO ESTADO IDEAL DE PLATÃO

2.4.1. *Propaideia* dos *Guardiães*:

a) *Educação* das crianças maiores de 10 anos: “*Todas as pessoas maiores de 10 anos são enviadas para o campo e as crianças, em vez de serem educadas nos costumes dos pais, serão educadas no espírito do Estado ideal*” (Idem, p. 865);

b) Importância das *matemáticas* como *propaideia*: “*A ciência aritmética é indispensável à formação dos governantes, entre outras razões pelo seu valor militar*” (Idem, p. 840);

“São as matemáticas que devem despertar o pensamento do Homem. (...) acha que o seu verdadeiro valor residia na aplicação prática ” (Idem, p. 841);

“Não é para fins de compras e transações comerciais, mas sim para facilitar à alma a sua ‘conversão ao ser’, que devem ser iniciados na beleza e utilidade destes estudos” (Idem, p. 842);

“Apesar do apreço que tem pelos pitagóricos, (...) critica-os, no entanto, por outro lado, por se aferrarem ao sensível e se não elevarem até ao pensar puro” (Idem, p. 843);

c) Importância e função educacionais da *música* e da *ginástica*: *“Graças à sua educação musical, os ‘Guardiães’ não precisarão de ter nada que ver com os juizes nem com a lei; e a sua educação ginástica dispensá-los-á igualmente da necessidade de se aconselharem com o médico. (...) A paidéia consiste na combinação da ginástica com a música” (Idem, p.748)*

2.4.2 – A *Dialética* como *Propaideia* dos *Filósofos-Governantes*

a) Em que consiste a *dialética*: *“A dialética é a ciência que revoga as premissas de todos os restantes tipos do saber e dirige lentamente para o alto os olhos da alma, mergulhados nos pântanos da barbárie, para o que se serve das matemáticas como instrumento auxiliar” (Idem, p. 854);*

b) A *dialética* como instrumento de *educação*: *“O que na República empresta encanto especial à exposição da dialética como fase suprema da paidéia é a posição que Platão adota em vinte e cinco anos de experiência, de caracterizar o seu valor e a sua problemática como instrumento de educação” (Idem, p. 853);*

c) Duração da formação *dialética*: *“A formação dialética de 15 anos que vai dos 20 aos 35 é, neste plano, o fundamento intelectual sobre o qual assenta a cultura dos governantes” (Idem, p. 860);*

“A escola de caráter do segundo período de 15 anos constitui uma exigência necessária não só do ponto de vista da formação dos governantes, mas também do da problemática interna da educação intelectual” (Idem, p. 861);

d) A *dialética* e a *conversão da alma para o ser*:

“O processo do qual nasce a idéia do Bem – que é o que interessa a Platão – é descrito na Carta Sétima como um processo interior que se opera à força de muitos anos de comunidade de vida e de investigação. Este processo consiste numa transformação gradual da essência do homem, concretamente: o que Platão, na República, chama a conversão da alma para o Ser” (Idem, p. 860).

2.4.3 – **Enfoques gerais sobre a *paidéia***:

a) A *paideia* é focada, do ponto de vista do *homem*, *“Como transformação e purificação da alma para poder contemplar o Ser supremo”* (Idem, p. 830);

b) *“A verdadeira paideia consiste em despertar os dotes que dormitam na alma”* (Idem, p. 831);

c) Uma das premissas básicas da *paidéia* platônica consiste na *autodeterminação* moral: *“O mundo da areté em que Platão constrói a sua nova ordem fundamenta-se na premissa da autodeterminação moral do próprio eu sobre a base do conhecimento do bem”* (Idem, p. 726);

d) A *educação (paideia)* como *remédio universal*: *“(…) a educação é o remédio para todos os males sociais”* (Idem, p. 753);

e) Platão distingue *paidéia* de *paidia*: *“Platão esforça-se sempre por fazer compreender a diferença existente entre a paideia e a paidia, quer dizer, entre a cultura e o mero passatempo”* (Idem, p. 861);

“(...) põe a render a idéia de aprender jogando e procura assim sujeitar a paidia à paidéia” (Idem, p. 862).

f) Importância da *paidéia* na estruturação do *Estado platônico*: “(...) se perguntarmos como estruturarão o Estado estes governantes formados pela suprema paideia, a resposta será a mesma: por meio da paideia” (Idem, p. 865).

3 – A REPÚBLICA DE PLATÃO COMO ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO

Sistemática ou assistematicamente, essa é a imagem que se tem da *República*, vista pelo ângulo da análise interpretativa legada por Werner Jaeger. Aliás, dois fatos genéricos da própria obra do eminente filósofo grego atestam esse ponto de vista:

– a forma do *diálogo* de um mestre tendo como interlocutor a juventude sedenta de formação, representada por seus dois irmãos Gláucon e Adimanto; e

– a proposital apropriação do nome do grande filósofo-educador Sócrates, assumindo a função do *mestre* Platão nesses *diálogos*.

Ambos os fatos são comentados por JAEGER com extrema clareza:

“Adimanto fala impelido visivelmente por uma verdadeira angústia interior e, sobretudo para o final do discurso, as suas palavras respiram a sua experiência pessoal. Platão fá-lo representante da geração a que ele próprio pertencia. É assim que se tem de interpretar a escolha dos seus irmãos como interlocutores chamados a impulsionar a investigação e a formular, em termos exatos, perante Sócrates, o problema

que ele procura resolver. São realmente duas figuras grandiosas para o pedestal do monumento a Sócrates educador, que Platão se propõe a erigir nesta obra, a mais importante de todas as suas obras. O motivo que a faz nascer são os inquietantes problemas da consciência destes dois jovens representantes da genuína Kalokagathia da antiga Atenas, os quais recorrem a este homem como o único do qual podem esperar uma resposta” (p. 709).

Importa frisar, no entanto, que o conceito de *educação* na obra platônica é muito mais profundo e universal do que o usualmente entendido nos dias de hoje. *Educação*, para Platão, é muito mais do que preparação para a vida e, ainda, mais que formação, com implicações no âmbito do armazenamento, da formulação no conhecimento científico e cultural e, inclusive, na da aquisição e adoção de maneiras de agir axiologicamente válidas. *Educação*, como já se mencionou através de uma citação no item anterior, é “*conversão da alma para o ser*”. É um processo que leva o ser humano a *encontrar-se* no tempo e no espaço, mas com vistas à sua própria transcendência no relacionamento com o absoluto que veio a ser mais profundamente definido por Aristóteles como *Ato Puro*.

O *Estado* platônico, visto sob o prisma tanto da interpretação de Werner Jaeger como dos próprios *diálogos* que integram a *República*, constitui exatamente o contexto social no qual, segundo Platão, seria favorável o desenvolvimento do processo *da educação transcendentalizante*.

É curioso como Platão faz girar quase toda a obra em torno de duas classes, dentre as três que compõem o seu aspirado *Estado*: a dos *guardiães* e a dos *governantes*. Faz apenas breves referências à classe dos trabalhadores (artesãos, artífices, agricultores, etc.). Por vezes, a alusão à esta classe chega a ser pejorativa, quando, por exemplo, indica como castigo para a covardia e a deserção dos guerreiros, *guardiães* do *Estado*, o seu mero rebaixamento para essa classe, imediatamente inferior. Se Platão estivesse realmente preo-

cupado em formular uma teoria de Estado, essa seria, sem dúvida, uma lacuna imperdoável a um semelhante gênio. Ao contrário, porém, sua obra deixa explícita a preocupação com o destino do homem em relação ao seu protótipo absoluto, o *Bem Supremo*. Nem é o destino da humanidade como um todo que está em jogo, mas o de cada ser humano individualizado. A sociedade estruturada num *Estado Ideal* seria o ambiente temporal adequado à transcendentalização de cada indivíduo, principalmente orientado ou conduzido por *governantes*, cujas funções seriam exatamente as de descobrir e indicar os caminhos do *absoluto* aos seus súditos. Em outras palavras, o *governante* seria o *educador* por excelência, na linha de uma *educação*, como já se disse, *transcendentalizante*.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Como este breve estudo se limitou à compreensão da *República de Platão* através da obra de Werner Jaeger intitulada *Paideia* (Trad. Artur M. Parreira. São Paulo : Herder, s.d – impressão da Gráfica Santelmo Ltda, Lisboa), sua elaboração requereu atenta leitura da primeira (a *República*, de Platão) e cuidadosa análise da segunda (a *Paideia*, de Jaeger).